

Dívida: Zélia pede apoio a empresários

São Paulo — A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, esteve ontem em São Paulo para pedir apoio a importantes empresários de diversos setores industriais à política do Governo para negociar a dívida externa. Os empresários, por sua vez, deram sugestões à ministra sobre as políticas industrial e de desenvolvimento. Acompanhada do embaixador especial para a negociação da dívida externa, Jório Dauster, Zélia compareceu à reunião com 19 empresários — marcada para às 16h00 — com 15 minutos de atraso. Enfiada em um elegante tailleur cáqui, a ministra permaneceu durante 1h15 em uma sala envidraçada na sede do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial localizada no Brooklin, zona Sul da cidade.

Estiveram presentes à reunião José Ermírio de Moraes Filho, presidente do grupo Votorantim, Ricardo Semler, comandante da Semco, Paulo Villares, dirigente da Villares (Siderurgia, Informática e Motores), Sérgio Prosdócimo, presidente do Grupo Refripar, Paulo Setúbal Neto, representante do grupo Itaúsa, e Paulo Francini, diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, entre outros.

Contraproposta

A ministra disse aos empresários que está aguardando uma con-

traproposta por parte dos banqueiros internacionais para o plano brasileiro do pagamento da dívida externa. O governo fixou em US\$ 18,2 bilhões a sua capacidade de pagamento em 1991, sendo que US\$ 5,1 bilhões destes serão destinados à quitação parcial da dívida externa. Neste ano, contudo, o País não deverá pagar um centavo dos juros da dívida.

Da reserva de US\$ 18,2 bilhões para o próximo ano, US\$ 1,5 bilhão será destinado à amortização de cruzados novos retidos no Banco Central que deverão ser pagos a partir de março de 1991. Essa quantia, entretanto, é considerada pequena para o volume de devolução que precisa ser feito. Zélia, no entanto, garante que “o pagamento dos cruzados novos está assegurado em lei e não deve restar nenhuma dúvida de que isso será feito”.

A ministra se negou a comentar os boatos do mercado que exista uma verdadeira indústria da concordata — empresas que pedem concordata como estratégia para fugir dos juros altos do mercado. “São casos particulares que precisam ser vistos no contexto”, explica ela. Mesmo com a situação da economia, Zélia acredita que a inflação cairá, o Tesouro continuará com superávit e não terá grandes alterações no nível de emprego.